

O Leitor e a Roupagem do Livro: uma Possível Sedução

The Reader and the Garb of the Book: a Possible Seduction

Roginei Paiva da Silva¹
Elisa Cristina Lopes²

RESUMO: A partir da análise de algumas ilustrações do livro infantojuvenil, *Bisa Bia Bisa Bel* (1984), de Ana Maria Machado, propõe-se uma forma de leitura e de sedução ao leitor. Comparando duas edições da obra em que há ilustradoras diferentes, o trabalho demonstrará as potencialidades de leitura presentes nas imagens. Atentando para a relação da roupagem do livro e a formação de leitores, este estudo perpassará pelo pictórico e pela escrita da obra em análise.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantojuvenil. Ilustração. Formação de Leitores.

Os livros destinados ao público infantil, às vezes também ao juvenil, casam texto e imagens na sua composição. As ilustrações criadas não são meras reproduções das palavras, portanto constituem uma outra forma de leitura. Tratam-se de uma história a ser contada ou inventada. Remetemos, a título de exemplo, ao filme brasileiro de Walter Salles, *Abril Despedaçado* (2001). Em uma de suas cenas, um livro com palavras e imagens chega às mãos de um menino, que vive em meio a um sertão repleto das durezas da geografia e dos comportamentos comuns aos homens rudes que necessitam sobreviver naquela terra inóspita e seca. Como não sabia ler, o menino resolve criar histórias a partir das imagens vistas no livro. A narrativa inventada por ele colocava uma sereia em meio àquele sertão. A inventividade está e sempre esteve presente na vida dos homens, principalmente no mundo das crianças. Essa criatividade é um voo vindo da leitura, seja das histórias ouvidas, seja das imagens presentes no livro. Por isso as ilustrações são histórias a serem contadas ou (re)inventadas. As atividades articuladoras de exercícios entre imagem e palavras é um espaço de transformação

1

Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Viçosa – UFV.

2

Pós-Doutora em Literatura, Georgetown University, em Washington, EUA, Professora adjunto do curso de graduação em Letras e da Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Viçosa.

e criação de leitores, para tanto o professor precisa se afastar um pouco de seu cotidiano de conteúdos disciplinares e se permitir imaginar e dar permissão à imaginação do outro.

Anelise Zimmermann (s.d.), ao discutir a exploração da ilustração dos livros infantis e suas possíveis leituras, percebeu as imagens como importantes recursos e estímulos à aprendizagem, como também um exercício de imaginação, função vitalmente necessária ao ser humano.

Convém destacar que, no exercício de "letramento visual" as ilustrações dos livros infantis podem ser empregadas como importantes recursos e estímulos à sua aprendizagem, entre outros motivos, por permitir uma observação pausada de seu leitor. Cabe a ele determinar o "seu tempo" de atenção e reflexão para cada ilustração e todo e qualquer elemento que compõe uma imagem, fugindo da velocidade, fugacidade e superficialidade das informações em outras mídias, como por exemplo, a televisão. (ZIMMERMANN, s.d., p. 5)

O exercício de observação do leitor, seja das letras ou das imagens, é um trabalho lento, sem superficialidades, sem a busca do óbvio, portanto um encontro com aquilo que está para além do esperado, com o que é fomentado pela criatividade e imaginação. A roupagem do livro, quando bem produzida e o leitor a explora eficientemente, constituirá um possível meio de sedução, de conquista de adeptos para o universo da literatura.

Atendo-nos ao fato das ilustrações dos livros infantis não serem meras cópias do texto escrito, partamos para uma análise do acabamento pictórico da obra *Bisa Bia, Bisa Bel* (1984), de Ana Maria Machado. Para tanto, tomemos as palavras da ilustradora e escritora Márcia Széliga (2008) a respeito daquilo propiciado pela imagem.

Ilustrar é despertar um questionamento, é instigar a curiosidade para desvendar os mistérios incrustados nas entrelinhas das palavras, na ambientação das formas e cores que acionam os sentidos do leitor, para que ele possa se sentir, em seu íntimo, um coautor silencioso. (OLIVEIRA, 2008, p. 181)

Ser coautor silencioso aciona os sentidos da criança, pois, munida de imaginação, a história alça voos para além do explícito. Tratando-se de literatura, o mais sedutor e encantador está nas sombras. Aqui concordamos com os escritores Ziraldo e Ângela Lago, ao afirmarem estar a magia nas metáforas e no ir além das palavras e/ou imagens do livro. Já o ilustrador Rui de Oliveira (2008, p. 27) vaticina: "o que desperta o interesse do olhar é aquilo que supomos que estamos vendo (...) as sombras são muito mais reveladoras que as luzes".

A revelação das “sombras” é o elemento guia em uma rápida análise a respeito das imagens em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado. Tomaremos como referência o livro publicado em 1984 (5ª edição), com o mesmo acabamento da 1ª edição, e, como comparativo, a publicação de 2007. Houve uma mudança de ilustrador, em 1984 fazia o trabalho Regina Yolanda, já em 2007 a arte foi realizada por Mariana Newlands. Nosso estudo não objetiva discutir exatamente o talento ou a qualidade do designer das ilustradoras, ambas possuem respaldo profissional no mercado editorial, com diversos trabalhos publicados, além de um currículo de formação excepcional. O interesse é percebermos como as “sombras” e a sugestão imaginativa ficam mais nítidas na primeira ilustradora, propiciando a professores um mote para desenvolver atividades diferentes de leitura. Primeiramente vamos rever o enredo da obra de Ana Maria Machado, para clarear a análise.

Através do fio da lembrança, a narrativa costura histórias de quatro mulheres da mesma família: Beatriz (Bisa Bia), Isabel (Bisa Bel), a bisneta desta (Beta) e a mãe de Isabel. A obra une as três pontas do tempo (passado, presente e futuro) coexistentes na personagem protagonista Isabel, através das vozes imaginárias de Bia e Beta. O início do enredo ocorre quando, durante as arrumações da mãe de Isabel, a menina encontra um retrato antigo de sua bisavó. Encantada com a imagem da menina, parecida com boneca, pede à mãe para ficar com ele por um tempo. Permissão dada sob a recomendação de não o perder, no entanto, a foto desaparece. Através de uma imaginação fértil, Bel começa a escutar a bisavó do retrato, como se realmente estivessem juntas e com ela ajudando e dando-lhe conselhos. Quando a mãe de Isabel pergunta sobre o retrato, a filha dá uma desculpa e não revela a perda. A partir de então, a menina resolve que ele virou uma tatuagem invisível, por isso havia sumido. De agora em diante as histórias da bisavó ficam mais intensas e passam a envolver objetos e situações comportamentais do tempo da Bisa, ou seja, o passado intriga a menina e esta faz diversas comparações com a forma como se vive hoje. Tempos depois passa a ouvir outra voz dizendo ser sua bisneta. Há um estranhamento por parte de Isabel, pois ela ainda era uma criança e se pergunta como poderia ter uma bisneta. Neste instante o diálogo entre passado e presente se estabelece no entrecruzar das três vozes. Ao final, Isabel descobre ter esquecido o retrato na sala de aula e sua professora o guardara. Um fato interessante da obra de Ana Maria Machado é essa narrativa apresentar um desenvolvimento a respeito das personagens femininas na

literatura, em especial das mudanças comportamentais delas. Regina Zilberman (2005, p. 85) bem lembrou tal questão no livro *Como e por que ler literatura infantil brasileira*:

Do diálogo entre a bisavó e a bisneta, nasce o cotejo entre dois tempos e duas visões da mulher, a antiga e convencional, representada por Bia, e a moderna e descontraída, encarnada por Bel.

A originalidade da obra nasce da introdução de uma terceira perspectiva, a da Neta Beta, de quem Bel é bisavó. A voz do futuro é interpolada à narrativa, para dar conta das transformações que afetam as concepções da mulher. Assim, nenhum ponto de vista – seja o do passado, o do presente ou o do futuro – é definitivo, conclusão a que chega Bel, após a experiência tridimensional do tempo. (ZILBERMAN, 2005 p. 85)

A importância da questão levantada por Regina Zilberman a respeito da mulher e do tempo é interessante para podermos pensar a ilustração do livro, lançado pela primeira vez em 1982. Na capa da edição trabalhada por Regina Yolanda (1984), Fig. 1, há um leque típico do final de século XIX (não um leque completo, mas apenas a metade dele está ilustrada na capa) com desenhos de flores, na borda (“babado”), contornando-o, está escrito o nome da ilustradora e na parte baixa o da autora do livro.



Figura 1 (capa: *Bisa Bia, Bisa Bel*, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984).

Azevedo (2012) compara o leque da capa com o do romance *Si Yeu-Ki*, de Wu Ch'êng-ên, para discutir a questão da simbologia presente neste elemento, marcante em uma época, segundo ela:

No romance *Si Yeu-ki* o leque se relaciona aos pássaros, como instrumento de liberação da forma, como símbolo do voo para o país dos Imortais. Por isso, quando Kiatseu T'uei (personagem principal do romance) volta ao mundo transformado em vendedor de leques, entende-se que ele propõe uma receita de imortalidade, ou o símbolo da imortalidade que ele mesmo atingiu (Chevalier & Gheerbrant, 1991). Essa simbologia atribuída ao leque se aplica à história de Ana Maria Machado, visto que o leque pode representar a imortalidade de Bisa Bia e das gerações a ela anteriores. Então, o leque não representa apenas um objeto antigo, usado por nossas avós, mas é a representatividade da imortalidade deles em nossas lembranças e nas heranças simbólicas deixadas para as gerações futuras. (AZEVEDO, 2012, p. 220)

A imortalidade, referida por Azevedo (2012), está presente no decorrer da narrativa. Quando Isabel encontra a foto de sua Bisa, histórias anteriores passam a rememorar em seu cotidiano, fazendo-a comparar fatos do seu agora com o de sua Bisavó numa expressão de continuidade e laços eternos. Um destes é a cena do lenço jogado para Sérgio, o colega de escola de quem gostava. Espera-o apanhá-lo, como um cavalheiro à moda antiga, fato este não concretizado. O episódio figurativiza as diferenças de comportamento no passar do tempo de forma a levar a menina a pensar sobre isso. Há ainda a referência a móveis (criado mudo, por exemplo) e brincadeiras do passado, como também ao papel das mulheres, que não trabalhavam fora de casa e faziam atividades mais domésticas, como bordar lenços. A força representativa da capa, como símbolo de um tempo, se complementa com a contracapa, onde foi colocada a outra metade do leque, Fig. 2. Visualizando o livro em aberto percebemos o leque inteiro, no entanto nos deparamos com mais uma descoberta: na contracapa está o reflexo do leque, como em um espelho, pois as palavras estão invertidas. Qual a simbologia disso? Bisa Bia, Isabel, Beta não seriam uma o reflexo da outra na passagem do tempo? Ou como bem atentamos antes: há a representação da imortalidade de gerações. Também podemos pensar as partes unidas do leque como representação de um tempo inteiro. Há um hoje que, quando unido ao passado, inaugura o caminho inicial para o futuro, complementa as temporalidades de formação social das personagens.

Além desta questão de continuidade das gerações, percebemos durante o enredo, comparações entre aquilo que compunha o cotidiano das mulheres no tempo da Bisa Bia com o cotidiano de Isabel e Beta. As mudanças comportamentais são diversas e se tornam contrárias: se no passado a mulher era paquerada através do jogar um lenço ou do abrir e fechar de um leque, no tempo de Isabel isso é bem diferente, pois as mulheres saíram do papel de “preparadas para o lar e família” para um espaço onde ditam seus caminhos e fazem suas

conquistas, sem se sentirem submissas a valores machistas. Houve, portanto, uma conquista advinda da luta de feministas durante os últimos anos. Um estudo desses elementos com os alunos-leitores da obra proporciona um emaranhado de atividades a respeito da memória, do feminino e das transformações da sociedade. Se tais questões estão presentes na história contada por Ana Maria Machado, as imagens contribuem para se alçar voos e confirmar uma das interpretações possíveis.



Figura 2 (capa e contracapa: *Bisa Bia, Bisa Bel*, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984).

Em contrapartida, a edição de 2007, Fig. 3, cuja capa foi ilustrada por Mariana Newlands, é bem diferente, pois os desenhos são mais reveladores do imediatismo da leitura, característica do tempo atual, o que não ocorreu no trabalho de Regina Yolanda. Temos Isabel com duas meninas pequenas ao lado de sua cabeça, representando Bisa Bia e neta Beta. A coloração utilizada nessas duas crianças faz-nos diferenciar a separação temporal existente entre elas: Bisa tem a cor amarelada das fotos antigas e Beta não. Ainda compõem a capa: uma caixa aberta com fotos e um envelope de carta, os quais foram retirados dela e espalhados junto à chave da caixa. Apesar de uma “revelação imediata” não conotar algo mais fácil de entendimento, esta capa parece-nos próxima do universo infantil, cujo delinear dos desenhos revela elementos a serem conhecidos no desenrolar do enredo da narrativa. Mas, como disse Ziraldo, o autor precisa recorrer também às ideias difíceis, desse modo a capa, analisada anteriormente, ilustrada com o leque é muito mais ousada e abre mais possibilidades à imaginação e criatividade da criança, obviamente se instigada pelo mediador da leitura,

como um professor. Talvez ela não seja tão sedutora no primeiro contato, entretanto, à medida que a narrativa vai se desenvolvendo, as revelações ficam mais envolventes e as articulações e diálogos entre imagem e palavra enriquecem o exercício de leitura. Outra diferença no traçado da edição de 2007 está na contracapa, onde encontramos um pequeno desenho representando Beatriz e Bisa Bel próximas a um retrós e a agulhas, típicas de bordados e dos afazeres de tempos passados, destinados ao universo feminino. Há também uma sinopse-convite à leitura revelando ao leitor uma percepção das mudanças no papel da mulher na sociedade brasileira: “*Bisa Bia, Bisa Bel* é um dos maiores clássicos da literatura infantil brasileira. Partindo de uma história original e repleta de sensibilidade, leva o leitor a perceber as mudanças no papel da mulher na sociedade brasileira” (contracapa ou quarta capa, edição de 2007).

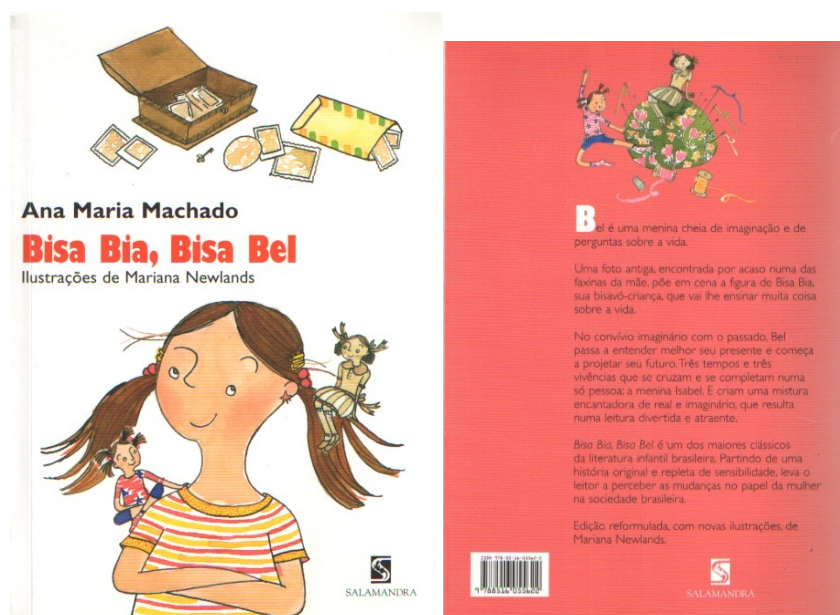


Figura 3 (capa e contracapa: *Bisa Bia, Bisa Bel*, 3ª. Ed., São Paulo: Ed. Moderna/Salamandra, 2007).

O trabalho ilustrativo do livro, *Bisa Bia, bisa Bel*, ainda tem outros elementos para além das capas, a começar pela forma utilizada para apresentar a introdução da leitura: “**Sabe? Vou lhe contar um coisa que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo. Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver**” (MACHADO, 1984, p. 5). Na edição mais antiga, de 1984, todo o texto está emoldurado por um buraco de fechadura, antiga e sem chave, cercado pela madeira da porta – desenhado em preto e branco, como toda ilustração interna do livro, Fig. 4. Imagem bem sugestiva, uma vez que por trás das portas escondem-se segredos. Nesta introdução, Beatriz instiga o leitor a procurar a imagem da Bisa,

convida-o a vasculhar todo o quarto como também a olhar pelo buraco da fechadura, porém não irá encontrá-la. Instiga-se, assim, a busca desse segredo passível de desvendamento, por não haver nada mais revelado na imagem.

Já a edição de 2007 traz na página esquerda (à direita está o texto da introdução) um desenho colorido de um quarto onde há uma cômoda com uma foto antiga saindo de uma das gavetas, sob a mesma cômoda encontra-se uma máquina fotográfica revelando uma foto colorida, Fig. 5. A aparência do local parece sugerir ter havido um vasculhar à procura de algo. Esse desenho comunga com a capa e deixa os elementos da fotografia visíveis, fato não ocorrido no trabalho da ilustradora Regina.

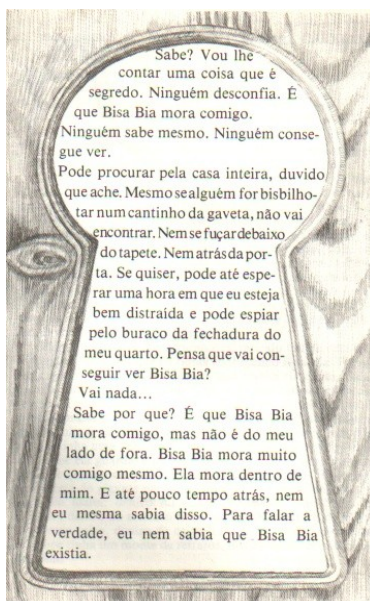


Figura 4 (Bisa Bia, Bisa Bel, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984, p. 5).



Figura 5 (Bisa Bia, Bisa Bel, 3ª. Ed., São Paulo: Editoras Moderna/Salamandra, 2007, p. 4).

Outro elemento ilustrativo da obra, importante para a questão da mudança do tempo, é a caixa, onde a mãe de Beatriz guardava coisas. Na passagem narrada no livro somos convidados a viajar no universo de invenções das crianças, pois a menina, para falar a respeito do contato com a foto da Bisa, faz uma comparação com a história da vida de um gigante. Além disso, somos conduzidos a pensar nos quantos mistérios e segredos estão fechados em muitos e diferentes lugares, como uma caixa. Se fechada, guarda e esconde os segredos buscados, aberta eles são revelados, como exemplifica o fragmento abaixo:

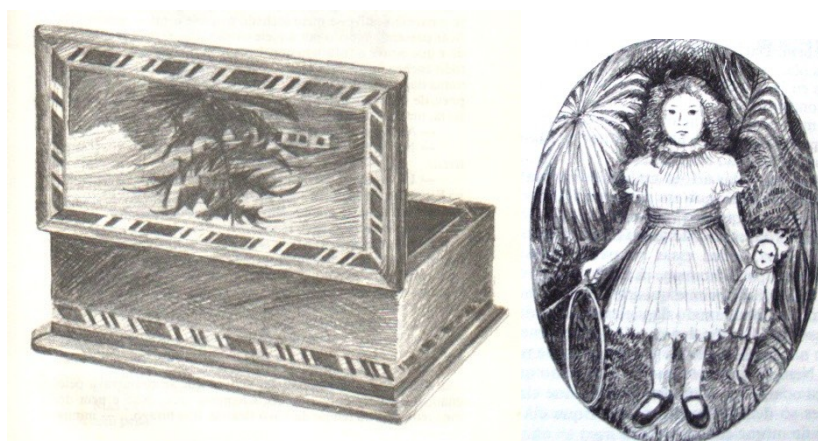
Parecia até história da vida do gigante, que minha tia conta. Sabe? Aquela história que diz assim: dentro do mar tinha uma pedra, dentro da pedra tinha um ovo, dentro do ovo tinha uma vela e quem soprasse a vela matava o gigante. Claro que não tinha gigante nenhum na arrumação geral da minha mãe. Nem ovo. Mas até que tinha uma vela cor de rosa, do bolo de quando eu fiz um ano e que ela guardava de recordação, dentro de um sapatinho velho de neném, de quando eu era pequeninha. Mas eu lembrei da história do gigante porque a gente podia contar a história de Bisa Bia assim: dentro do quarto de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia. (MACHADO, 1984, p. 7)

Através dessa passagem do enredo, percebemos como a ilustração feita por Mariana Newlands (2007) é mais explícita e menos instigante. A caixa e os retratos já aparecem na capa, na primeira imagem da introdução e também no capítulo *No fundo de uma caixinha* (p.6), Fig. 6, estabelecendo uma relação de redundância, como definiu Linden (2011, p. 120), “os conteúdos narrativos se encontram – total ou parcialmente – sobrepostos” sem acrescentar

novas motivações imagéticas aos leitores. Em contrapartida, no trabalho de Regina Yolanda (1984) isto não ocorre. Ela se atem a apresentar ao leitor uma caixa antiga aberta (p. 9), Fig.7, porém com o tampo virado para o leitor de forma a não revelar o conteúdo, intrigando assim a curiosidade e as possibilidades de leitura. Em outra página, vemos (p.11) a foto de Bisa Bia em formato oval e nada mais, Fig.8.



Figura 6 (Bisa Bia, Bisa Bel, 3ª. Ed., São Paulo: Editoras Moderna/Salamandra, 2007, p. 6).



Figuras 7 e 8 (Bisa Bia, Bisa Bel, 5ª. Edição, Rio de Janeiro: Ed. Salamandra, 1984, p. 9 e 11)

Linden (2011) faz um estudo sobre a relação entre texto e imagem no qual questiona e expõe elementos a respeito disso, pois enquanto alguns modelos teóricos mostram quatro, cinco, seis ou mais tipos de relação entre texto e imagem, segundo a pesquisadora, talvez tudo se resume a três: repetir, completar ou contradizer um ao outro, ou seja, há uma relação de

redundância, de colaboração e de disjunção. A redundância demonstra texto e imagem como duas narrativas isotópicas, por ambos remeterem “para a mesma narrativa, estão centrados em personagens, ações e acontecimentos rigorosamente idênticos” (LINDEN, 2011, p. 120). Apesar da ideia de conteúdos idênticos, isso não é possível, pois haverá detalhes ampliados, a redundância está, assim, no sentido das duas mensagens. Já na relação de colaboração, o “sentido não está nem na imagem nem no texto: ele emerge da relação entre os dois. Quanto mais as respectivas mensagens parecem distantes uma da outra, mais importante será o trabalho do leitor para fazer emergir a significação” (LINDEN, 2011, p. 120). Haverá desta forma uma combinação com as fraquezas de cada discurso utilizado. Agora, ao se pensar na disjunção, esta não coloca texto e imagem em estrita contradição, “mas não se detecta nenhum ponto de convergência”, há em aberto um campo para as interpretações do leitor.

Essas definições contribuem para analisarmos e pensarmos as diferentes formas utilizadas por cada ilustrador ao lidar com a história narrada e contribuem para as reflexões a serem feitas pelo leitor sobre o texto. Aprofundar os estudos de forma mais introspectiva sobre as ilustrações amplia e afia nosso olhar e o do leitor a respeito do que pode estar mais qualificado em um texto, enquanto imagem. Isso porque sabemos da existência de ilustrações pouco enriquecedoras para um livro, por se tornarem meras reproduções do enredo dando à imagem valor reduzido de leitura naquele contexto. A escritora e ilustradora Ângela Lago (2011) esclarece essa questão ao discorrer sobre a importância do leitor em participar da construção de sentido do livro, por isso há a presença de metáforas tanto na escrita quanto nas imagens: “de qualquer forma, queremos a participação do receptor, ou narrador, e dificuldades ou complexidades criarão respostas mais ricas. Talvez seja por isso que usamos metáforas na fala e no desenho. Precisamos de um estranhamento para que haja uma revelação” (LAGO, p. 5).

“A estranheza, um tipo de originalidade que ou não pode ser assimilada ou nos assimila de tal modo que deixamos de vê-la como estranha” (BLOOM, 1995, p. 12), propicia uma revelação retirando o leitor de seu lugar de conforto e faz-se artifício comum à literatura e não é exclusividade das obras destinadas apenas a um público adulto, mas também ao infantil. O escritor Ziraldo (PEREIRA, 2006, p. 14), em uma entrevista, discorreu sobre o que funciona e o que deve ser evitado num texto infantil. Segundo ele: “pior é o autor desavisado

ter medo de recorrer a ideias difíceis por achar que criança não vai entender. Ter a tentação de *tatibitizar* a linguagem. Autor nenhum pode abrir mão das ideias de difícil alcance, mas deve anunciá-las de forma compreensível”. As palavras do escritor ratificam a questão do estranhamento presente na obra literária: ser óbvio, previsível, sugere uma desqualificação do produzido. Desse modo estão texto e imagem no processo de criação, sabendo-se da metaforização deles como um recurso importante para se seduzir o leitor, uma vez que haverá a “revelação” na obra.

Se estamos falando sobre uma possível sedução do leitor, através da roupagem do livro infantil, o caso aqui abordado de *Bisa Bia, Bisa Bel* fomenta reflexões diversas para quem deseja desenvolver um trabalho de leitura na escola com esta obra. Uma atividade bem conduzida, explorando os elementos sedutores do texto e da imagem, propicia a conquista de adeptos àquele livro como também a curiosidade para se chegar a outros livros. Além de construir métodos de leitura para incentivar a formação de leitores. A inventividade da criança é muito fértil e dar asas, ou sementes, para brotar novas questões e novos textos é de responsabilidade do formador de leitores.

No trabalho específico com a ilustração, é bom lembrarmos o que Cristina Biazetto (OLIVEIRA, 2008, p. 79) disse a respeito: “entendemos como ideal aquela ilustração que encanta, comunica-se com o leitor, num diálogo que não se esgota no primeiro momento, mas convida a criança ou o jovem a revê-la, ir e voltar pelas páginas, retomar algum detalhe, olhar novamente”. Foi praticamente o sugerido ao abordamos uma leitura das imagens do livro de Ana Maria Machado. Saibamos da importância do diálogo a ser produzido com a criança ou com o jovem durante a leitura, por ele possibilitar o pensamento a respeito de outros elementos circundantes a nós e explicitarem imagens, de forma a fazer da literatura uma leitura de mundo e de descobertas. Talvez desta forma o texto ganhe mais potencialidade no imaginário de qualquer leitor e este passe a “consumir livros”.

Não podemos fechar nossa reflexão sem antes voltarmos-nos para a questão da fabulação presente na literatura. Desde a contação de histórias, aticando a curiosidade do ouvinte, passando pelos livros de imagens e pelos de palavras, a literatura é sempre um fabular, um fantasiar, um espaço de encantamento e sedução. Apesar de muitos não a verem desse modo e não sentirem a necessidade dela, até mesmo porque nunca tiveram contato e

nem prática da leitura de textos literários. Viver sem literatura é um fato corriqueiro, mas se aproximar deste universo pode ser prazeroso e contagiante, depende de vários fatores, um deles é o de quem nos introduz ao mundo do ler e sabe explorar as potencialidades do texto. O escritor português, Lobo Antunes, fala da sensação do fim de uma leitura que dá a impressão do livro caminhar dentro da pessoa, pois “os livros bons são os que têm insônias. Você se levanta à noite para beber água e passa na biblioteca às escuras. Os livros estão a dormir. Mas 'Os Irmãos Karamázov' estão a olhar para você.”

Ciça Fittipaldi (OLIVEIRA, 2008, p. 103) respalda nossa reflexão sobre o leitor e roupagem do livro e uma possível sedução:

Toda imagem tem alguma história para contar. Essa é a natureza narrativa da imagem. Suas figurações e até mesmo formas abstratas abrem espaço para o pensamento elaborar, fabular e fantasiar. A menor presença formal num determinado espaço já é capaz de produzir fabulação e, portanto, narração. Claro que a figurativização torna a narrativa mais acessível, pois a comunicação é mais imediata, o processo de identificação das figuras como representações é mais rápido do que numa expressão gráfica ou pictórica formalmente abstrata (que se pretende desvinculada da função de representação). Se a essa presença formal é conferida uma dimensão temporal, a dimensão de um acontecimento, então a narratividade já está em andamento. Se ao olharmos uma imagem podemos perceber o acontecimento em ação, o estado representado, uma ou mais personagens “em devir”, podemos imaginar também um (ou mais) “antes” e um (ou mais) “depois”. E isso é uma narração. (OLIVEIRA, 2008, p. 103)

A descoberta do prazer e encanto de um livro pode, então, inicialmente, ser uma experiência inexistente na vida das pessoas. Por outro lado, pode vir da contação de histórias realizada por muitos pais que, tal uma Scherazade, envolvem os filhos através da curiosidade dos fatos e lugares povoadores das narrativas. A escola, quando se aproveita disso e começa a criar um trabalho em busca de um aluno leitor, não apenas, mas tem a obrigação de promover resultados interessantíssimos no processo de leitura. Mas não sejamos tão utópicos, a realidade é bem diferente, raros serão aqueles que se agraciarão pela literatura como também poucos são os professores munidos de boas ferramentas e vontade de desenvolver projetos de leitura. Sabemos de uma tríade ímpar no contexto de formar leitores: a família, a escola e as políticas públicas de fomento à leitura. Quando elas agem em conjunto há possíveis transformações na realidade do contato com livros. A questão é complexa e merece estudos e reflexões. Uma das alternativas de encantamento leitor, aqui proposta, passa pela ilustração.

Referências:

ANTUNES, L. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1122044-romance-de-lobo-antunes-com-tracos-autobiograficos-e-lancad-o-no-brasil.shtml>, acesso em 25 ago. 2012.

AZEVEDO, T. e RABINOVICH, E. P. Retratos da avó na literatura infantil contemporânea de Ana Maria Machado e Ruth Rocha. *Psicologia USP*, São Paulo, 23(1), p. 211-231, 2012.

BLOOM, H. *O cânone Ocidental*. São Paulo: Ed. Objetiva, 1995.

LAGO, Â. Portas e Janelas. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 6, p. 5, abr. 2011.

LINDEN, Sophie Van der. Aspectos narrativos. In.: *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 120-126.

OLIVEIRA, I. de (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

_____. *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

PEREIRA, L. C. Jr. O inventor de infâncias. *Língua Portuguesa*, São Paulo, no. 6, p. 12-16, abr./mai. 2006.

ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a literatura infantil brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZIMMERMANN, A. *Explorando as ilustrações de livros infantis: suas possíveis leituras*. Disponível em: http://www.gpae.ceart.udesc.br/artigos/artigo_anelise_zimmermann.pdf, acesso em: 23 ago. 2012.

ABSTRACT: From the analysis of some illustrations of the children and youth book, *Bisa Bia Bisa Bel* (1984), by Ana Maria Machado, we propose a way of reading and seduction of the reader. Comparing two editions of this book which has different illustrators, this paper will demonstrate the possibilities of reading presented in the images. Paying attention to the relationship between the garb of the book and the formation of readers, this study will go through the pictorial and the writing of the work under analysis.

KEYWORDS: Children and Youth Literature. Illustration. Formation of readers.